

## PROJECTO DE MUSEALIZAÇÃO DE UMA TANOARIA DA VILA DE LAGOA

por  
JOSÉ PEDRO GASPAR \*

### Résumé

Cet article présente tout d'abord le programme ethnomuséologique de la municipalité de Lagoa, dans l'île São Miguel de l'archipel des Açores et décrit les "antennes" que l'on souhaite préserver et faire revivre. Ensuite, il fait l'histoire de la tonnellerie dans ses rapports avec une industrie d'alcool toute proche et finit par un projet de muséalisation de l'atelier de tonnellerie le plus important de l'île, tout en décrivant les travaux réalisés et le fonctionnement de la nouvelle "antenne" muséologique.

### Abstract

This article firstly presents the ethnological program of the district of Lagoa in the Island of St. Michael - Azores and describes the museum centers it aims to preserve and revive. Then, it addresses the history of the art of the cooper associated with the existence of an alcohol factory. Finally, it deals with the conservation process of the most representative cooperage (barrel making) of the island, describing the works accomplished and the functioning of the new museum center.

---

\* Colaborador do Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores. Responsável pela organização do Museu de Lagoa.

## 1. A TANOARIA NO ENQUADRAMENTO ETNOMUSEOLÓGICO DO CONCELHO DE LAGOA

Este projecto integra-se no programa de apoio à recuperação de núcleos de valor etnomuseológico do Município da vila de Lagoa que, com o apoio do Centro de Estudos Etnológicos do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores, pretende salvaguardar e reanimar vários núcleos do património tradicional e industrial do concelho.

O objectivo deste programa é a preservação de testemunhos materiais de algumas das etno-tecnologias mais significativas, no contexto da vida da Lagoa, promovendo a sua valorização sócio-económica e cultural.

Os testemunhos, cuja recuperação desde já se prevê, encontram-se dispersos por vários espaços e exprimem grupos humanos vincadamente heterogéneos, pelo que devem ser encarados na perspectiva da musealização de sítios, que valoriza os bens do património cultural, respeitando o contexto em que se inserem<sup>1</sup>.

Por outro lado consideramos que a percepção das expressões materiais de cultura só será apreendida se inserida no conjunto dos processos sociais a que pertence<sup>2</sup>.

Estas propostas vão ao encontro das soluções preconizadas pelos museus ao ar livre e, sobretudo, pelos ecomuseus, nos quais a noção de espaço ganha uma nova dimensão, pois, aí, este não se restringe ao

1 Henrique Coutinho Gouveia e Margarida Chorão de Carvalho, *A musealização de sítios na área da Etnologia, os conjuntos de moinhos de vento da Portela de Oliveira e de fornos de cal do Casal de Santo Amaro*. Coimbra, Seminário Musealização de Sítios, 19-24 de Outubro de 1987.

Henrique Coutinho Gouveia, A musealização de sítios. Questões relativas à formulação do programa interpretativo, in «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*», Porto, 32 (1-4), 1992, pp. 87 a 96 (existe separata).

2 Jorge Freitas Branco, Da análise de contextos materiais, in «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*», Porto, 29 (1-4), 1989, pp. 145 a 165 (existe separata).

interior de um edifício mais ou menos amplo, mas abrange todo o contexto ambiental e social, explicativo dos testemunhos culturais<sup>3</sup>.

Deste modo, os bens que se pretende preservar poderão estender-se por uma área exterior mais ou menos vasta, com a vantagem de se poder salvaguardar integralmente testemunhos imóveis de reconhecido valor, respeitando-se, simultaneamente, o seu enquadramento local e ambiental. Os bens imóveis reabilitados passam a fazer parte do próprio sistema museográfico como núcleos que poderão manter e/ou acolher determinadas actividades de animação, ou mesmo, albergar exposições.

No entanto, não se pretende que cada um destes núcleos, representativo de um ou mais grupos sociais, constitua um museu de sítio autónomo, mas preconiza-se que os diversos núcleos etnomuseológicos se interliguem e integrem numa rede a nível de todo o concelho de Lagoa, organizada a partir de um núcleo central, ao qual competirá a gestão e animação científica, cultural e social de todo o sistema.

Projecta-se, assim, a médio prazo, a criação de um museu com base num modelo etnomuseológico maleável e polinucleado, que preservará *in situ* os mais significativos testemunhos do património edificado, a par da organização de colecções permanentes no núcleo central e, quando necessário, nos núcleos periféricos.

Programa-se um tipo de ecomuseu que será certamente um factor determinante de desenvolvimento global do concelho.

Com base nas pesquisas de campo desenvolvidas prevê-se, de entre os vários núcleos a organizar, que um seja dedicado à **tanoaria tradicional**, outro à **destilação de aguardente**, pondo-se em evidência a complementaridade existente entre eles; outro será dedicado ao **trabalho dos ferreiros**; outro à **arte da cestaria**; outro ao **fabrico da cal**; outro à **arte da tecelagem**. Simultaneamente, no

3 Georges-Henri Rivière, *La Muséologie*. Paris, 1989, p. 147.

Sobre os ecomuseus veja-se ainda, na mesma obra, as páginas 140 a 143, 146 a 165 e 299 a 304.

Rui de Sousa Martins, Projecto de musealização de uma olaria de Vila Franca do Campo, in «*Arquipélago. Série Ciências Sociais*», Ponta Delgada, 2, 1987, pp. 251 a 266 (existe separata).

núcleo central, desenvolver-se-á o tema dos **presépios** e a **arte dos bonecreiros**.

Dando continuidade a este programa<sup>4</sup>, pretende-se abordar agora a arte da tanoaria no sentido da sua reabilitação, o que implicará a musealização de uma oficina que será mantida em actividade no próprio local, como núcleo vivo do futuro ecomuseu<sup>5</sup>. Este projecto tem-se realizado por diferentes etapas: numa fase inicial fizeram-se investigações minuciosas sobre a vida e actividade dos dois tanoeiros da vila de Lagoa - Eduardo Henrique Medeiros e João Carlos dos Santos<sup>6</sup>. A acção desenvolvida compreendeu igualmente uma análise exaustiva dos testemunhos pertencentes às tanoarias, incluindo o seu registo fotográfico.

Estes estudos permitiram descobrir novos elementos sobre esta arte, evidenciando a originalidade e a importância dos sistemas tradicionais de fabrico de recipientes de madeira com aduelas e arcos, nesta região, assim como a selecção correcta da oficina a intervir.

Recolheram-se, igualmente, obras de tanoaria usadas na sociedade tradicional micalense, algumas das quais de considerável valor atendendo à sua raridade e originalidade.

Estes trabalhos de investigação e recolha possibilitaram a organização de uma exposição temporária sobre *A Arte da Tanoaria*, que esteve aberta ao público de Abril a Setembro de 1991<sup>7</sup> (Fig. 1, Fotos 15 a 22).

4 Em Julho de 1993 foi aberto ao público o primeiro núcleo do Museu de Lagoa, constituído pela tenda de ferreiro ferrador do mestre João Benevides, situada no gaveto da Av. Infante D. Henrique com a Av. Poças Falcão, na freguesia de Santa Cruz.

5 Este projecto contempla somente a preservação da oficina de tanoaria, no entanto, desde já se prevê a recuperação da estrutura complementar - *um alambique de destilação de aguardente e respectiva caldeira de vapor de água, e estruturas anexas* -, onde será organizada uma exposição permanente de obras de tanoaria recolhidas na ilha de São Miguel. A recuperação desta unidade será devidamente analisada num projecto a elaborar posteriormente, atendendo a que diferentes questões se levantam, exigindo outras soluções.

6 José Pedro Gaspar, *A Arte da Tanoaria*. Ponta Delgada, 1988, 151 pp. dact. Monografia sobre o tanoeiro Eduardo Medeiros, elaborada no âmbito da cadeira de Antropologia Cultural do Curso de História e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

7 José Pedro Gaspar, *A Arte da Tanoaria* (roteiro da exposição). Lagoa, 1991, 11 pp. dact. A exposição obedeceu à seguinte organização: 1. TANOARIAS E TANOEIROS; 2. COMO SE FAZ UM TONEI.; 2.1. As madeiras; 2.2. Feitura das aduelas; 2.3. Montagem e 1.ª arqueação; 2.4. Chanfrar, aparar e javrar; 2.5. Construção e colocação dos fundos; 2.6. Feitura dos arcos; 2.7. Arqueação final e acabamentos; 3. OBRAS DE TANOARIA; 3.1. Transporte de água e recolha de leite; 3.2. Higiene doméstica; 3.3. Vasilhame vinário; 3.4. Objectos diversos.

Pensamos que este modelo de pesquisa poderá ser aplicado a outras ilhas do arquipélago.

## 2. A ARTE DA TANOARIA NO CONCELHO DE LAGOA

### 2.1. Notas históricas e diagnóstico da situação

Muito pouco se sabe acerca do tipo de vasilhame vinário usado nos primeiros tempos de vida humana nos Açores.

Gaspar Fructuoso, no *Livro Sexto das Saudades da Terra*, escrito nos finais da centúria quinhentista, referindo-se à ilha do Pico, diz que *em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho, e melhor que em todas as ilhas*<sup>8</sup>. No entanto, ao mencionar os quantitativos produzidos em cada freguesia só nos fala de **pipas**, como medida de capacidade<sup>9</sup>. Por esta informação é de crer que o vasilhame construído para armazenar e comerciar o vinho produzido em terras açorianas, desde os tempos mais remotos (século XVI), seria feito de madeira. Fonte corroborativa desta suposição é a deliberação da Câmara Municipal de Ponta Delgada, embora de inícios do século XVII (1635), na qual se estipulava *que nenhua pessoa de qualquer calidade que seia leve para fora da ilha pipas vasiaas, quartos, nem barris, nem madeira de pipas, pela muita falta que se fazia sentir de todo este vasilhame na Ilha*<sup>10</sup>. Por aqui talvez se possa pensar que este vasilhame era fabricado nas próprias ilhas onde se fazia sentir a sua falta.

Estes elementos permitem-nos concluir que o ofício de tanoeiro já existia, nos Açores, nos séculos XVI e XVII, e devidamente regulamentado e fiscalizado por alguns Municípios. Efectivamente, as Câmaras Municipais preocuparam-se em regulamentar toda a actividade dos tanoeiros (assim como a dos demais oficiais), através da publicação de **posturas**, onde, nomeadamente, estabeleciam os preços (*tarifas*) de que os mesmos se deviam fazer pagar pelos seus

8 Gaspar Fructuoso, *Livro Sexto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada, 1978, p. 303.

9 Idem, pp. 287 a 305.

10 Regulamento sobre pesca e sahida de cascos de vinho, in «*Arquivo dos Açores*», Ponta Delgada, 14, 1983, p. 140.

trabalhos. A título exemplificativo refiram-se as **Posturas da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo**, de 1686<sup>11</sup>; as **Antigas Posturas da Câmara da Vila de Horta**, reformadas em 1719 e confirmadas em 1721<sup>12</sup>; e, igualmente, as **Posturas da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo**, de 1788<sup>13</sup>.

A análise destas deliberações camarárias permite-nos conhecer o vasilhame fabricado nas tanoarias dos séculos XVII e XVIII. Assim, no caso das deliberações vilafranquenses, de finais de seiscentos, fala-se apenas de *pipas e quartos, e os arcos eram de vimes, podendo ser de liaça ou de louro, sendo a liaça o material mais valorizado*.

Quanto às deliberações da capital faialense, de inícios do século XVIII, aí, aparecem referenciados, além das *pipas e dos quartos (meia pipa), os barris. Os arcos são igualmente de liaça, sendo obrigatório cada arco possuir cinquenta vimes ou cento e cinquenta liaças*.

Relativamente às deliberações angrenses, de finais do século XVIII, as referências ao vasilhame são notoriamente mais completas, pois aparecem já mencionados *tonéis, pipas, quartos (meia pipa), barris (de almude e de meio almude), funis, esborradeiras, dornas de bica, celhas de acarretar uvas, celhas com asas, baldes e canecos de caldear*. Por sua vez, a arcaria era de dois tipos: *de arcos da terra e arcos de ferro*. Por aqui se conclui que os arcos deste metal já eram usados na ilha Terceira nos finais do século XVIII.

*Os tanoeiros formavam uma classe entre os oficiais mecânicos, pelo que tinham o seu juiz, eram examinados no ofício e estavam sujeitos a juramento e fiança, tendo de se encartar, como os demais artífices*<sup>14</sup>.

11 Urbano de Mendonça Dias, *A Vida de Nossos Avós*, 8, Vila Franca do Campo, 1948, pp. 171 a 173.

12 Antigas Posturas da Câmara da Vila de Horta (actualmente cidade), da Ilha do Faial, in «*O Instituto*». Coimbra, 63 (8), 1916, pp. 437 a 439.

13 Posturas da Câmara Municipal de Angra de 1788, in «*Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*». Angra do Heroísmo, 12 (12), 1954, pp. 232, 233.

14 Urbano de Mendonça Dias, Op. cit., p. 171.

Francisco Carreiro da Costa, Antigos Tanoeiros, in «*Diário dos Açores*». Ponta Delgada, Ano 87, nº 23 327, 27 de Outubro de 1956.

Embora não tenhamos conseguido encontrar quaisquer elementos que nos informem sobre a arte da tanoaria no concelho de Lagoa nos primeiros tempos da sua existência, pensamos, porém, que esta terá existido aqui desde muito cedo. Isto porque, segundo nos informa Gaspar Frutuoso, *tem por granjearia esta vila trigo e pastel e vinhos, que são muitos e, depois dos da Povoação Velha, comumente os melhores de toda a ilha, de que se recolhem, uns anos por outros, mais de seiscentas pipas, em cada um ano*<sup>15</sup>. Estas **pipas** poderiam ter sido fabricadas em tanoarias existentes no concelho, ou zonas limítrofes, que, talvez tenham perdurado ao longo dos séculos. Não o sabemos!

A fonte mais recuada que até agora conseguimos consultar, onde especificamente se faz referência ao quantitativo de tanoeiros existentes em São Miguel é o *Inquérito Industrial de 1881*, portanto, de finais do século passado. Segundo este Inquérito, existiam no distrito de Ponta Delgada um total de catorze tanoeiros: treze no concelho de Ponta Delgada e um no de Vila Franca do Campo<sup>16</sup>.

Se respeitássemos integralmente estas informações teríamos de aceitar que o vasilhame utilizado para armazenar o vinho produzido na Lagoa, nos finais do século XIX, era fabricado pelos tanoeiros de Ponta Delgada ou Vila Franca do Campo. No entanto, não podemos esquecer que se trata de um *Inquérito Industrial* que, porventura, poderá conter lacunas, ou talvez as informações que nos transmite não sejam tão completas como desejaríamos. Senão, como explicar a vitalidade da arte nos inícios do nosso século na Lagoa?!

Certo é que o incremento da arte neste concelho está relacionado com a instalação da Fábrica do Álcool nesta vila, que ocorreu em Outubro de 1882. Todavia, a questão que aqui se coloca é saber se no concelho não existiriam, na altura, outros núcleos dinamizadores da actividade, além da que se desenvolvia nesta unidade industrial.

15 Gaspar Frutuoso, *Livro Quarto das Saudades da Terra*, 2, Ponta Delgada, 1981, p. 61.  
16 *Inquérito Industrial de 1881*, 3, Lisboa, 1882, pp. 380, 381.

No que se refere à Fábrica do Álcool sabemos que numa fase inicial e até cerca de 1968, o álcool era produzido, essencialmente, a partir de batata doce, embora se utilizassem igualmente outros produtos agrícolas. O melaço de beterraba sacarina, tendo sido introduzido na fábrica lagoense em 1918, levado da Fábrica de Açúcar de Ponta Delgada<sup>17</sup>, mostrou-se extremamente proveitoso para a destilação de álcool, pelo que, desde 1968, é a principal matéria prima laborada.

O melaço de beterraba era transportado da Fábrica de Açúcar de Ponta Delgada para a fábrica destiladora da Lagoa, em vasilhame de madeira, na sua maioria cascos de 30 almudes. Este vasilhame servia igualmente para transportar o álcool da fábrica da Lagoa para Ponta Delgada, e daqui para o exterior - para as outras ilhas e, principalmente, para o continente. A utilização de recipientes de madeira no transporte de melaço e álcool, de e para a Fábrica do Álcool, ter-se-á verificado desde o início da sua laboração até, sensivelmente, ao ano de 1952 (Foto 1).

Ora, para responder às necessidades de construção e reparação deste vasilhame, que frequentemente se degradava, foi criada, na própria Fábrica do Álcool, uma oficina de tanoaria, que remonta ao nascimento da mesma<sup>18</sup>. Nesta oficina notáveis mestres exerceram a actividade, ensinando-a aos sucessivos aprendizes que por esta verdadeira escola de tanoaria foram passando, alguns dos quais viriam a construir oficinas autónomas. É o caso do mestre António Joaquim Borges, conhecido por mestre António Malassada<sup>19</sup>, que

17 A introdução da beterraba sacarina na fábrica de Santa Clara (Ponta Delgada) verifica-se no ano de 1906.

18 Para a reconstituição da actividade da fábrica do Álcool no passado foram de extrema importância as informações gentilmente concedidas pelo actual director da mesma, o Sr. Eng.º João Leite Bettencourt.

19 A alcunha de "Malassada" tem a sua origem na avó deste artífice. A explicação radica no seguinte: tradicionalmente o milho era moído em moinhos de mão que as próprias famílias possuíam em suas casas, e de que se obtinha o carolo de milho. No entanto, nem todas as famílias tinham estes utensílios, pelo que pediam às pessoas amigas ou vizinhas que os possuíam, o favor de lhes moer este cereal. Em troca pagavam uma determinada *maquia* do mesmo. Ora, a avó do mestre António Joaquim Borges, que possuía um destes moinhos, com o intuito de atrair as crianças que iam levar o milho a moer, oferecia-lhes uma malassada, na intenção delas lá voltarem. Foi por esta razão que acabou por ficar conhecida por "tia malassada", e a alcunha acabou por se tornar extensiva a toda a família.

tendo aprendido a arte com um tanoeiro vindo do continente (o mestre Amaro Soares Paulino)<sup>20</sup>, montou uma oficina sua, em 1921, na antiga Rua do Rosário, quando contava apenas 18 anos de idade. Esta oficina não permaneceu aqui muito tempo, e mudou de lugar por três vezes<sup>21</sup>.

Situação diferente é a do mestre Manuel Correia de Melo, que tendo aprendido a arte com o mestre António Malassada (juntamente com outros aprendizes), foi depois trabalhar para a tanoaria da Fábrica do Álcool. Aí veio a conhecer um outro mestre tanoeiro, o mestre António da Silva Rouxinol<sup>22</sup> e, em sociedade, construíram, por volta de 1940, uma tanoaria particular denominada por *Rouxinol & Correia*. A oficina foi instalada onde é hoje o restaurante "O Alambique", por detrás da actual Escola Primária da freguesia de N. Sra. do Rosário.

Tanto o mestre Manuel Correia como o mestre António Rouxinol continuaram a trabalhar na tanoaria da fábrica. Na nova oficina trabalhavam apenas aos Sábados, e por vezes, também aos dias de semana, após as horas normais de actividade fabril. O normal funcionamento da tanoaria era assegurado por outros artífices, que aí trabalhavam a tempo inteiro e a quem eles pagavam<sup>23</sup>.

20 O mestre António Malassada foi trabalhar para a tanoaria da Fábrica do Álcool, como aprendiz, com 14 anos de idade.

21 Dez anos mais tarde, em 1931, muda-se para a casa em frente à primitiva oficina, ainda na Rua do Rosário. Pouco tempo depois, cerca de 4 ou 5 anos, volta a mudar-se, desta vez para Rua do Vigário - a oficina ocupava o rés-do-chão da casa onde passam a morar. Viveram aí até pouco antes de 1942, portanto, cerca de 5 a 6 anos, altura em que se mudam definitivamente para a Rua Dr. Amorim Ferreira nº 5. Novamente a oficina ocupa o rés-do-chão do imóvel que serve de habitação a toda a família.

22 António da Silva Rouxinol, nasceu a 29 de Setembro de 1901, e é admitido ao serviço na Fábrica do Álcool a 14 de Maio de 1915 (segundo a sua ficha profissional, existente nos arquivos da fábrica).

23 Quando, por cerca de 1950, os dois sócios montaram junto à tanoaria uma serragem de madeiras, o mestre Manuel Correia de Melo deixou de trabalhar na Fábrica do Álcool. O mestre António da Silva Rouxinol continuou na Fábrica do Álcool, onde a partir de 1957 trabalha apenas um ou dois dias por semana (segundo uma nota redigida na sua ficha profissional, existente nos arquivos da fábrica).

Para além da tanoaria da Fábrica do Álcool, num passado recente, existiram somente mais estas duas oficinas de tanoaria no concelho lagoense, que foram importantes núcleos de aprendizagem e desenvolvimento da arte.

A explicação para o facto de só existirem estas duas tanoarias no concelho de Lagoa, parece fundamentar-se no seguinte: por um lado, esta actividade desenvolve-se essencialmente entre os meses de Maio a Setembro, na época que antecede as vindimas, tendo portanto um carácter sazonal; por outro lado, a montagem de uma oficina de tanoaria significava um substancial investimento em utensilagem, dado o número e complexidade de ferramentas necessárias para o seu normal funcionamento. Por último, mas não menos importante, é o facto de o exercício desta difícil actividade implicar uma demorada aprendizagem, o que significava que todo aquele que não possuísse o mínimo de conhecimentos técnicos se via impossibilitado de exercer o ofício.

No entanto, e apesar de somente existirem estas duas oficinas de tanoaria, o concelho de Lagoa tornou-se um importante centro de produção de vasilhame de madeira ligado à vida doméstica, à pesca, à pastorícia, à construção civil e, sobretudo, aos trabalhos do vinho e à produção do álcool. Contudo, e a despeito da grande importância desta arte num passado não muito distante, a verdade é que a mesma caminha, a passos largos, para a extinção. De um conjunto bastante significativo de mestres, apenas dois se mantêm em actividade; para além de que, desde há sensivelmente oito anos, nenhum deles a exerce como profissão a tempo inteiro. Efectivamente, a actividade destes artífices limita-se apenas a pequenas reparações, principalmente na época que antecede as vindimas<sup>24</sup>. Há já alguns anos que não fazem obras novas, tal a escassez de encomendas.

24 Cf. Supra.

Um destes artífices é o senhor Eduardo Henrique Medeiros, que nasceu em 1930, tendo aprendido a arte na tanoaria *Rouxinol & Correia*, onde trabalhou durante cerca de 25 anos<sup>25</sup>. Assim, com a idade de 36 anos montou uma oficina particular, que ainda existe e se localiza na Rua São João ao Fisher nº 9, freguesia de N. Sra. do Rosário.

Com a saída do mestre Eduardo Medeiros da tanoaria *Rouxinol & Correia*, esta viria a fechar, pois era este tanoeiro quem na altura a mantinha em funcionamento.

Actualmente Eduardo Medeiros trabalha essencialmente como carpinteiro, sendo poucos os trabalhos que faz de tanoaria.

O outro mestre tanoeiro é o senhor João Carlos dos Santos que aprendeu a arte com o mestre António Malassada, juntamente com os filhos deste. A dedicação e gosto que o mestre António Malassada tinha pela arte que exercia motivou-o a ensiná-la aos seus seis filhos, facto que, apesar de tudo, não evitou que todos eles a tivessem abandonado por a considerarem uma profissão ingrata e pouco rentável (Foto 2). Deste modo, foi o mestre João Carlos quem, ainda em vida de António Malassada, ficou com a tanoaria e respectiva utensilagem - em Julho de 1972<sup>26</sup>.

O mestre João Carlos exerceu a actividade por sua conta durante cerca de catorze anos (até 1986), a qual constituiu, durante este período, a sua principal fonte de subsistência (Foto 10).

A oficina que, desde 1941, está instalada na Rua Dr. Amorim Ferreira nº 5, na freguesia de N. Sra. do Rosário, encontra-se

25 O mestre Eduardo Medeiros começou a trabalhar na tanoaria *Rouxinol & Correia* com apenas 11 anos de idade, como rapaz de voltas e limpezas, ganhando 10 escudos por semana. Com quinze anos de idade começou a trabalhar como ajudante-aprendiz, e aos dezassete anos já trabalhava como mestre tanoeiro, pelo que auferia 15 escudos diários. 1966 foi o último ano que aí trabalhou; ganhava, então, 35 escudos por dia.

26 O mestre António Joaquim Borges viria a falecer cerca de um ano depois, em 1973, a 13 de Agosto.

praticamente desactivada e começa a apresentar indícios de degradação. Face à escassez de trabalho, o artífice viu-se forçado a arranjar outra actividade que lhe pudesse assegurar a sobrevivência e a da sua família. Actualmente João Carlos dos Santos é Auxiliar de Acção Educativa na Escola Preparatória de Lagoa.

O aspecto mais grave de toda esta realidade é o facto de nenhum dos dois artífices ter a trabalhar consigo ajudantes ou aprendizes, facto que conduzirá ao desaparecimento da arte.

Além do mais, a tanoaria é uma profissão pouco atraente para os jovens, que, com certa razão a consideram uma actividade pouco rentável e sem futuro.

O actual estado de decadência da tanoaria, tanto a nível local como a nível de Ilha é explicável por razões de vária ordem, no geral, comuns às diversas regiões: a acentuada diminuição da produção vitivinícola em vastas áreas, em detrimento do desenvolvimento e expansão de outras culturas nomeadamente a agro-pecuária<sup>27</sup>; as transformações operadas nas comunidades rurais que, por virtude do seu próprio desenvolvimento, se abrem ao exterior, preferindo o consumo de produtos industriais, nomeadamente os que são feitos de metal e plástico. Tudo isto conduziu, progressivamente, à supressão das necessidades de produtos feitos artesanalmente - menos práticos, facilmente degradáveis e de custos bem mais significativos. Consequentemente, a produção oriunda das tanoarias decresceu vertiginosamente.

---

<sup>27</sup> Para esta realidade muito contribuiu a proibição da produção da casta do "vinho de cheiro" - o produtor directo Isabella - *Vitis labrusca*, de grande implantação em algumas ilhas açorianas, principalmente em São Miguel. Facto que não parece ser facilmente ultrapassável, atendendo às exigências que a necessária reconversão vinícola apresenta, aliadas às dificuldades de adaptação de outras castas ao solo e clima micaelenses.

## 2.2. Propor soluções

Embora a realidade não se apresente muito sorridente, pensamos que é possível ter esperança na reanimação desta arte, prevendo a evolução futura, a médio ou mesmo a longo prazo.

Por um lado, a reconversão dos vinhedos na ilha de S. Miguel afigura-se como solução inevitável a médio prazo, o que conduzirá, de novo, ao aumento das necessidades de vasilhame de madeira, indispensável ao armazenamento e envelhecimento dos vinhos. Por outro lado, o desenvolvimento do turismo cultural poderá incentivar o fabrico de artefactos de tanoaria e das respectivas miniaturas.

Os turistas continentais e estrangeiros mostram-se cada vez mais sensíveis às questões da cultura popular. Conscientes das diferenças e alertados para o valor dos objectos do artesanato, procuram-nos com interesse e prazer.

Igualmente acontece que os emigrantes e até mesmo as populações autóctones, começam a manifestar interesse por aquilo que é seu e ameaça desaparecer, procurando elementos que sirvam de suporte a uma identidade própria.

Recuperando a arte da tanoaria pretende-se transmitir às gerações futuras um património estético e cultural constituído por um conjunto de formas originais, recriadas e difundidas na Lagoa. É o valor estético-sócio-económico desta arte que merece uma intervenção organizada no sentido de a preservar.

Em função do que fica dito, pensamos que uma das duas tanoarias ainda existentes deverá ser musealizada e mantida a funcionar segundo os moldes tradicionais, salvaguardando-se, deste modo, a memória de uma importante actividade.

## 3. UMA TANOARIA-MUSEU NOS AÇORES

Havendo na vila da Lagoa apenas duas tanoarias, importa decidir qual delas intervencionar.

A decisão não se mostra difícil, mas de qualquer modo necessita de ser ponderada. Importa, antes de mais, conhecer detalhadamente as características das tanoarias da Lagoa.

As oficinas são constituídas, normalmente, por um compartimento mais ou menos amplo, pode ter um espaço de arrumos servindo para depósito de matérias-primas (madeiras e ferro) e de vasilhame acabado.

No compartimento principal encontram-se: um ou mais bancos de tanoeiro, uma ou duas bigornas, baixetes (normalmente dois), banco de juntas e um conjunto considerável de ferramentas necessárias à laboração.

Característica extremamente significativa e identificadora das duas tanoarias lagoenses é o facto de as mesmas possuírem anexa uma estrutura complementar, fundamental para o seu “normal” funcionamento. Trata-se de alambiques de destilação de aguardente, ou simplesmente, a caldeira de vapor de água desses alambiques<sup>28</sup>. A existência desta estrutura complementar decorre da influência do modo de laboração da tanoaria da Fábrica do Álcool. Nesta oficina, os mestres aprenderam a curvar (*virar*) a madeira com o vapor de água das caldeiras dos alambiques de destilação do álcool<sup>29</sup>. Deste modo, mostra-se igualmente fundamental a preservação e refuncionalização de uma destas estruturas para a compreensão da globalidade e da originalidade técnica da arte da tanoaria lagoense<sup>30</sup>.

---

28 Tanto a tanoaria do mestre António Joaquim Borges como a dos sócios Rouxinol e Correia possuíam alambiques anexos.

29 A madeira, depois de estar ao vapor de água durante sensivelmente duas a três horas, é apertada nuns galgalhos durante cerca de dez a doze horas (normalmente ficava aí de um dia para o outro), acabando por adquirir a convexidade desejada, que se mantém após arrefecer.

30 A originalidade técnica decorre do facto de a madeira ser curvada antes de ser trabalhada, enquanto que noutras unidades laborais a convexidade das aduelas é obtida por meio de lume, no momento da montagem da vasilha.

Das duas tanoarias da Lagoa, impõe-se salvaguardar a do mestre João Carlos dos Santos, instalada na Rua Dr. Amorim Ferreira há mais de cinquenta anos.

É a maior oficina de tanoaria de São Miguel e uma das maiores dos Açores.

O estado de conservação em que se encontra não faz prever grandes trabalhos de recuperação.

Além disto, sobre esta oficina conseguimos obter importantes informações orais e escritas que muito têm ajudado no conhecimento da actividade da mesma. A descoberta dos registos da actividade da oficina nos últimos anos revelaram-se de extremo valor, a par com as informações conseguidas por meio de entrevistas ao actual mestre da oficina e ao filho mais velho do antigo proprietário e artífice - o senhor Ângelo Borges.

Por outro lado, a oficina possui um notável conjunto de equipamentos de trabalho, de entre os quais se destacam: três bancos de tanoeiro, duas bigornas, dois baixetes, um banco de juntas, um torno de marcha movido por pedal (ao qual foi adaptado um motor eléctrico), além da vasta colecção de utensilagem tradicional de tanoeiro.

Tem estruturas para a colocação das ferramentas, e espaço para armazenamento de matérias-primas e recipientes fabricados.

Acresce ainda o facto, que se mostrou igualmente decisivo, de ter um alambique anexo, instalado na Rua do Estaleiro nº 6.

As possibilidades de refuncionalização da oficina e do alambique, permitindo um aproveitamento pedagógico e didáctico das actividades aí desenvolvidas constituiu também um factor de importância fulcral.

A vantajosa localização e as evidentes facilidades de acesso<sup>31</sup>, assim como o anseio de uma futura promoção cultural e turística da área influíram, também, positivamente na escolha.

A oficina do mestre João Carlos, na sua globalidade, suplanta a outra tanoaria existente, muito acanhada e escura, que possui um

---

31 Por detrás da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro da vila, e não muito distante da estrada sul de reconhecimento da Ilha.

conjunto de equipamentos menos completo, e, além do mais, não tem alambique nem caldeira de vapor de água anexos<sup>32</sup>.

A recuperação desta tanoaria e do alambique possibilitará a criação de uma zona de interesse etnomuseológico no domínio das indústrias artesanais.

#### 4. A OFICINA DO MESTRE JOÃO CARLOS

##### Informação geral

- Localização: Rua Dr. Amorim Ferreira nº 5  
Rosário  
9560 LAGOA (Foto 3)
- Data de construção do edifício: século XIX.
- Construtor: ?
- Proprietário e utilizador: João Carlos dos Santos  
Rua Dr. Amorim Ferreira nº 5  
Rosário  
9560 LAGOA
- Uso actual: tanoaria.
- Significado e importância do edifício: uma das maiores tanoarias dos Açores, instalada há cerca de 50 anos. A oficina ocupa grande parte do rés-do-chão do edifício que serve de habitação ao próprio artífice. Daqui saíram obras para toda a ilha de São Miguel e para as comunidades portuguesas dos E.U.A. e Canadá. Nesta oficina encontra-se a mais completa colecção de utensilagem de tanoaria da Ilha.

---

32 O mestre Eduardo Medeiros quando precisava de curvar (*virar*) a madeira costumava servir-se das estruturas do alambique da Rua do Estaleiro.

##### Informação arquitectónica

###### *Descrição geral*

- Descrição sumária: rés-do-chão do edifício onde habita o proprietário, com duas divisões, cobrindo aproximadamente 40m<sup>2</sup>.
- Condições de construção: as paredes estão boas. O sobrado do compartimento da entrada apresenta sinais de degradação, pelo que precisa de ser consolidado.

###### *Descrição dos exteriores*

- Dimensões principais: Fachada principal - 7 metros  
Fachada lateral Este - 10 metros  
Altura máxima - 2,7 metros, aproximadamente.
- Paredes: alvenaria de basalto com reboco de barro e cal.
- Fundações: bom estado.
- Vãos: duas portas situadas na fachada principal. Uma porta de postigo (vigia) na fachada do lado Este, sobre a direita.

###### *Descrição dos interiores*

- Divisões: dois compartimentos, separados por um arco de volta inteira; no compartimento sul existe um pequeno espaço de arrumos situado por baixo das escadas que dão acesso ao 2.º piso.
- Paredes: alvenaria de basalto com reboco de barro e cal.
- Piso: lajeado.
- Cobertura: tecto em sobrado no compartimento sul, e de lajes com placa de cimento no compartimento norte.

- Organização dos compartimentos (equipamentos):
  - Compartimento sul: (Fotos 4 e 5)
    - um banco de tanoeiro;
    - dois baixetes;
    - duas bigornas;
    - um banco de juntas;
    - um armário com caixas por cima;
    - suportes de parede para utensílios e materiais diversos;
    - área para guardar matérias-primas.
  - Compartimento norte: (Fotos 6 e 7)
    - dois bancos de tanoeiro;
    - um torno de marcha movido por pedal e por motor eléctrico;
    - uma mesa com gaveta lateral (onde o tanoeiro organizava a escrita da oficina);
    - uma cadeira (junto à mesa);
    - prateleiras e armário para depósito de ferramentas e materiais.

### **Estruturas complementares**

Um alambique de destilação de aguardente com caldeira de vapor de água, da qual se aproveitava o vapor para amolecer a madeira que seguidamente era apertada nos gualhos (também aí existentes), a fim de adquirir a curvatura desejada.

## **5. MUSEALIZAÇÃO DA TANOARIA**

### **5.1. Definição dos objectivos a atingir**

Ao conceber-se este programa de musealização pretende-se alcançar os seguintes objectivos:

- a) Preservar uma importante estrutura do património lagoense, respeitando-se as suas características tradicionais e mantendo

o carácter arquitectónico do edifício. Deste modo, procura-se evitar que quaisquer intervenções futuras venham a descaracterizar o imóvel e impedir a alienação da significativa colecção de maquinaria e utensilagem relacionadas com a actividade.

- b) Manter activa a arte de tanoeiro (como conjunto de saberes e conhecimentos técnicos), que no passado teve uma forte tradição no concelho, o que implicará manter a oficina em funcionamento segundo os processos tradicionais.
- c) Transformar a oficina num elemento ao serviço da sociedade, da cultura e da promoção turística. Deste modo, a tanoaria recuperará a sua importância como espaço de encontro e convívio, prestando-se tanto à educação pública como à investigação etnológica.

Ao tornar-se, esta estrutura, num lugar visitável promover-se-á, igualmente, um turismo cultural de qualidade, favorecido pela localização geográfica da mesma.

Desta forma, este núcleo passa a apresentar-se como um utensílio cultural dinâmico, no sentido em que revela à população um importante aspecto da sua cultura. Assim, este pólo será entendido não só como simples testemunha do passado da comunidade a que pertence, mas também como meio de reflexão sobre o destino dos bens culturais lagoenses.

### **5.2. Modalidades de Protecção**

A protecção da oficina concretizar-se-á através de um protocolo a estabelecer entre a Câmara Municipal de Lagoa e o proprietário, que conterà as seguintes disposições:

- a) Não se pretendendo a aquisição do imóvel, este continuará como propriedade do tanoeiro.
- b) A Câmara Municipal de Lagoa, principal entidade interessada na recuperação e preservação da arte e da oficina, comprometer-se-á:

- a realizar obras de conservação e revalorização no edifício a musealizar;
- ao pagamento de uma compensação monetária a estabelecer, de comum acordo<sup>33</sup>;
- a permitir a colocação de obras de tanoaria em frente à fachada principal da oficina, em cima do passeio, e desde que não prejudique a livre circulação viária;
- a efectuar, anualmente, o caiamento das fachadas.

c) O proprietário da oficina comprometer-se-á:

- a não descaracterizar o imóvel sob quaisquer intervenções;
- a não alienar quaisquer máquinas, equipamentos e utensílios pertencentes à oficina, mesmo quando caídos em desuso;
- a permitir a colocação de elementos interpretativos e de animação, no interior da tanoaria, referentes às actividades que aí se desenvolvem;
- a autorizar que a oficina seja publicamente sinalizada e identificada como estrutura visitável;
- a autorizar visitas ao público, mesmo aos fins de semana. Estas visitas deverão ser acompanhadas pelo próprio artífice ou por familiares seus, nos casos de sua manifesta impossibilidade.

d) Após a morte do actual proprietário do imóvel, João Carlos dos Santos, o protocolo poderá ser revisto, prevendo-se que os futuros herdeiros possam querer estabelecer um novo protocolo segundo diferentes condições.

---

<sup>33</sup> O orçamento a acordar será actualizado anualmente nos termos previstos para o arrendamento de imóveis.

### 5.3. Acções de conservação e revalorização

- Limpeza exterior e interior, removendo-se os objectos estranhos à actividade da oficina.
- \* - Substituição da cancela da porta da esquerda da fachada principal e construção de outra semelhante para a porta da direita (Foto 11).
- Substituição da porta da fachada Este (e respectivo postigo) que se encontra degradada, repondo-se o modelo primitivo.
- Consolidação do sobrado e provável construção de uma placa de cimento.
- Beneficiação das paredes.
- \* - Instalação de iluminação interior e exterior apropriada.
- Valorização dos passeios que rodeiam o edifício.

### 5.4. Complementos de sinalização e interpretação

Com o objectivo de orientar e incentivar os potenciais visitantes, sinalizar-se-á, de modo adequado, a tanoaria-memória. Para o efeito, na Avenida Infante D. Henrique, será colocada uma placa de sinalização da tanoaria musealizada, e no exterior da mesma será colocada uma placa com a indicação - TANOARIA. Estas placas e respectivos suportes deverão ser desenhados por um arquitecto.

Os complementos interpretativos têm como objectivo proporcionar aos visitantes uma melhor compreensão do valor testemunhal do sítio procurando-se, portanto, a conjugação com os testemunhos existentes no imóvel. No interior da tanoaria serão instalados painéis explicativos e programar-se-ão exposições de vídeo sobre “A Arte da Tanoaria”. Elaborar-se-á uma pagela informativa que será distribuída no local (Fig. 2).

Os temas a desenvolver na informação serão os seguintes:

- **A história da actividade** (a arte da tanoaria) e **do edifício** (testemunha de um modo de vida)<sup>34</sup>.  
Recorrer-se-á a elementos de carácter didáctico que expliquem o contexto histórico e social, de modo a fornecer uma panorâmica evolutiva desta actividade. Dar-se-á a conhecer a importância da arte na sociedade actual e levantar-se-á o problema do seu futuro.
- **A organização da produção** - destacar-se-ão os aspectos tecnologicamente mais significativos, nomeadamente as etapas mais importantes do processo produtivo de barris. Neste caso poder-se-á recorrer à projecção de diapositivos acompanhados de uma explicação sonora.
- **As obras dos tanoeiros** - dada a exiguidade do espaço da oficina, parece-nos inviável organizar, no próprio sítio, a sistemática das obras de tanoaria, sua função e contextualização. Pensamos organizar esta sistemática numa parte do edifício onde está instalado o alambique de destilação de aguardente, que, como já explicámos, está intimamente relacionado com a tanoaria.

#### 5.5. Funcionamento da tanoaria em moldes tradicionais

O artífice continuará a exercer a actividade, arrecadando todas as receitas daí resultantes, não adquirindo, portanto, um qualquer estatuto de funcionário. Além disso, passará a desempenhar um importante papel nas acções de carácter pedagógico e cultural, que ocorrerão na oficina, nomeadamente, no apoio às actividades de índole educativa, e na demonstração das operações técnicas de fabrico do vasilhame de madeira.

### 6. CONCRETIZAÇÃO DO PROJECTO

Após ter sido elaborado, o projecto foi submetido à apreciação da Câmara Municipal de Lagoa que aprovou a sua concretização.

<sup>34</sup> O edifício não será objecto de uma exposição, pois ele faz parte da estrutura museográfica. Daí o recurso à introdução de um pequeno texto que explique a sua função e história.

Iniciaram-se as conversações com o proprietário, das quais resultou a assinatura de um contrato de locação<sup>35</sup> que serve de base ao funcionamento da tanoaria como núcleo museológico.

As obras de conservação e revalorização no edifício, onde se encontra instalada a oficina, iniciaram-se em Setembro de 1993, e decorreram até Abril de 1994.

#### 6.1. Trabalhos de preservação e revalorização

Começou-se por inventariar todo o recheio da oficina, que foi removido para outro local, a fim de se poder fazer uma avaliação correcta das intervenções necessárias e proceder às acções de limpeza e preservação.

As paredes exteriores e interiores foram raspadas e caiadas de novo. Entretanto, em algumas zonas jurgiram problemas de humidade, que têm vindo a desaparecer com o arejamento.

O sobrado que cobre o compartimento sul da oficina foi consolidado, tendo-se substituído as tábuas que se encontravam degradadas, uma vez que se chegou à conclusão que a estrutura, de um modo geral, se encontrava em bom estado.

As lajes do chão e as pedras das ombreiras das portas foram limpas com jacto de água e areia, após o que as juntas da pedra foram tomadas com uma pasta feita de pó de pedra e cimento.

Todos os fios eléctricos da oficina foram substituídos, assim como os interruptores, tomadas e casquilhos que se encontravam partidos; tendo-se respeitado os modelos existentes. A iluminação interior foi revista e colocou-se iluminação específica para o painel explicativo fixado numa das paredes do compartimento norte.

No interior da oficina, junto à porta que dá acesso para o 2.º piso, foi instalado um contador eléctrico, ficando o consumo de energia a cargo da Câmara Municipal.

Substituíram-se os suportes de madeira para ferramentas que se encontravam deteriorados.

O passeio do lado Este do edifício foi construído (pois não existia), e no passeio em frente à fachada principal foram colocados motivos da tanoaria: uma selha, o motivo emblemático da tanoaria e um pote de medir vinho (Fotos 12 e 13).

<sup>35</sup> O contrato foi estabelecido por um período de cinco anos podendo ser então revisto.

A parede contígua ao alçado lateral Este do edifício onde se localiza a oficina (também propriedade do tanoeiro), encontrava-se em muito mau estado, pelo que foi guarnecida, colocando-se dois canos de cerâmica para escoamento das águas pluviais do terraço superior.

O suporte de madeira da varanda da fachada principal foi substituído, tendo-se, de um modo geral, valorizado todo o edifício (Foto 3).

Após os trabalhos de limpeza e preservação, o material da oficina (depois de limpo e tratado) foi recolocado nos respectivos lugares.

## 6.2. Complementos interpretativos

### 6.2.1. Artefactos recolhidos

No sentido de complementar o conteúdo da tenda foram recolhidos objectos relacionados com a actividade, e depositados no seu interior: três bojões de tonel em latão, um postigo de tonel, um trado cónico, um barril segredo de três compartimentos interiores, um pote de medir vinho e um conjunto de quatro barris para aguardente e vinhos espirituosos.

Estes objectos foram adquiridos pela Câmara Municipal de Lagoa, de quem são propriedade, e estão depositados na tenda a título permanente.

O recheio da oficina foi também completado com a colocação de várias obras e materiais de tanoaria, pertencentes ao tanoeiro, que se encontravam noutros lugares.

### 6.2.2. Painel explicativo

Com o objectivo de proporcionar aos visitantes uma melhor compreensão da actividade desenvolvida na tenda, foi exposto, numa das paredes do compartimento norte, um painel explicativo (dimensões: 180 cm x 125 cm) das fases do processo técnico da feitura de um barril (Fig. 3, Fotos 8 e 9).

A observação do painel permite uma rápida compreensão das diferentes fases das duas cadeias operatórias do processo técnico: **preparação das tábuas e construção do barril**<sup>36</sup>.

Este elemento explicativo foi elaborado a partir da observação e análise das **acções técnicas** desenvolvidas pelo artífice e o trabalho efectuado esteve na base do programa de uma exposição sobre a arte da tanoaria.

### 6.2.3. Desdobrável sobre a tanoaria musealizada

A oficina do mestre João Santos é explicada e divulgada por meio de um desdobrável com a seguinte estrutura: *mapa* que permite localizar a tanoaria na vila da Lagoa; *organização do espaço interior*; e *nota histórica* sobre a oficina (Fig. 2).

Este documento, de distribuição gratuita, é dado na tenda a **todos os visitantes** e colocado nos principais centros de informação turística.

## 6.3. Sinalização urbana

No sentido de orientar os visitantes para a tanoaria musealizada foram colocadas quatro placas de sinalização urbana: duas na Avenida Infante D. Henrique (uma em cada sentido da via - Foto 14), uma no cruzamento por detrás da igreja, em complemento das que estão na avenida; e uma no cruzamento ao fundo da Avenida Poças Falcão.

<sup>36</sup> Na elaboração do fluxograma tivemos por base os seguintes elementos bibliográficos: André Leroi-Gourhan, *O homem e a matéria*. Lisboa, 1984, pp. 9 e segs.; André Leroi-Gourhan, *O meio e as técnicas*. Lisboa, 1984, pp. 255 a 258.

Hélène Balfet, *Technologie*, in Cresswell, «Éléments d'ethnologie», vol. 2, Paris, 1975, pp. 44 a 79.

Idem, *Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* In H. Balfet, dir., «Observer l'action technique. Des chaînes opératoires, pour quoi faire?», Paris, 1991, pp. 11 a 19.

Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo e Henri Campagnolo, *Les modes de cuisson des Fataluku de Lórehe à Timor Oriental*, in «Garcia de Orta, Série de Antropologia», Lisboa, 3 (1-2), 1984, pp. 93 a 114.

Robert Cresswell, *Transferts de techniques et chaînes opératoires*, in «Techniques & Culture», Paris, 2, 1983, pp. 143 a 163.

Sophie Desrosiers, *Sur le concept de chaîne opératoire*, in H. Balfet, dir., «Observer l'action technique. Des chaînes opératoires, pour quoi faire?», Paris, 1991, pp. 21 a 25.

Yves Delaporte, *Le concept de variante dans l'analyse des chaînes opératoires*, in H. Balfet, dir., «Observer l'action technique. Des chaînes opératoires, pour quoi faire?», Paris, 1991, pp. 27 a 30.

O Professor Henrique Coutinho Gouveia, da Universidade Nova de Lisboa, que participou na inauguração da tanoaria-museu<sup>37</sup>, sugeriu a criação de uma sinalética própria para identificar os bens do património etnológico e cultural do concelho (núcleos museológicos). A concretização desta ideia está a ser estudada.

Na fachada principal da tanoaria foi colocada uma placa de identificação, em chapa de ferro, que representa, em silhueta, o tanoeiro a trabalhar (Fotos 3 e 11).

#### 6.4. Inauguração da tanoaria

A concretização do projecto foi coordenada por José Pedro Gaspar e teve o apoio do Centro de Estudos Etnológicos do Departamento de História da Universidade dos Açores.

O núcleo museológico da tanoaria foi inaugurado no dia 25 de Abril de 1994, constituindo o segundo pólo do Museu de Lagoa a abrir ao público<sup>38</sup>.

#### 6.5. O público da tanoaria

A abertura da oficina ao público visitante tem sido assegurada pelo tanoeiro e filhos, que acompanham os visitantes.

De 4 de Julho a 12 de Agosto a oficina foi mantida aberta ao público por dois jovens (integrados no programa *OTL Jovem 94*), entre as 8.30 h - 12.30 h e as 14.00 h - 18.00 h.

A tanoaria ao ser musealizada ganhou um estatuto: tornou-se um marco do património lagoense, elemento de referência cultural para a comunidade em que se integra; revelando à população da vila de Lagoa um aspecto de reconhecido valor da sua cultura.

Neste momento, a oficina desempenha uma função didáctica e pedagógica de grande interesse, acolhendo com frequência os alunos das escolas do concelho e de toda a Ilha.

A tenda tem também uma importante função ao serviço de um turismo cultural de qualidade: durante o período de verão recebeu numerosos visitantes continentais e estrangeiros.

<sup>37</sup> A convite da Câmara Municipal de Lagoa, o Professor Coutinho Gouveia participou na sessão de lançamento da obra *Património e Museus Locais*, dedicada à museologia açoriana, que ocorreu no dia 25 de Abril. Durante a sessão o Professor Coutinho Gouveia proferiu uma comunicação sobre o papel das autarquias na gestão do património tradicional.

<sup>38</sup> Depois da tenda de ferreiro ferrador inaugurada em Julho de 1993.



Arquivo da Fábrica de Álcool da Lagoa

**Foto 1** - Cascos de 30 almudes utilizados no transporte de meloço de beterraba da Fábrica de Açúcar de Ponta Delgada para a Fábrica de Álcool da Lagoa.



Colecção Particular

**Foto 2** - O mestre António Joaquim Borges (1903 - 1973) e filhos exibindo os utensílios da arte. A serra de recortes (à direita) não pertence à oficina de tanoaria.



**Foto 3** - Plano geral do edifício onde está instalada a tanoaria do mestre João Carlos dos Santos. Pode ver-se a placa de identificação, que representa, em silhueta, o tanociro a trabalhar.



**Foto 5** - Interior da oficina (compartimento sul - alçado nascente). Espaço destinado à colocação de utensílios e matérias-primas (madeiras e ferro para os arcos).



**Foto 4** - Interior da oficina (compartimento sul - alçado poente), com a valiosa coleção de utensílios.



**Foto 6** - Interior da oficina (compartimento norte), antes das obras de limpeza e conservação.



Foto 7 - Interior da oficina (compartimento norte), após a intervenção museológica.

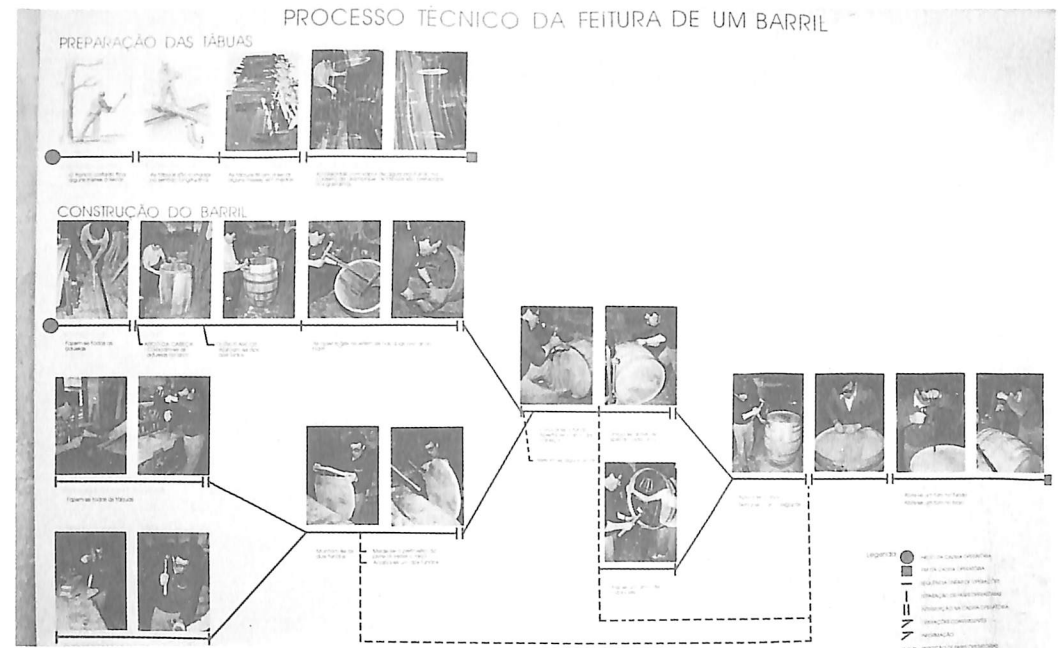


Foto 9 - Painel explicativo das fases do processo técnico da feitura de um barril. Dimensões: 180 cm x 125 cm. Todas as fotografias irão ser substituídas por desenhos, idênticos aos dois primeiros.

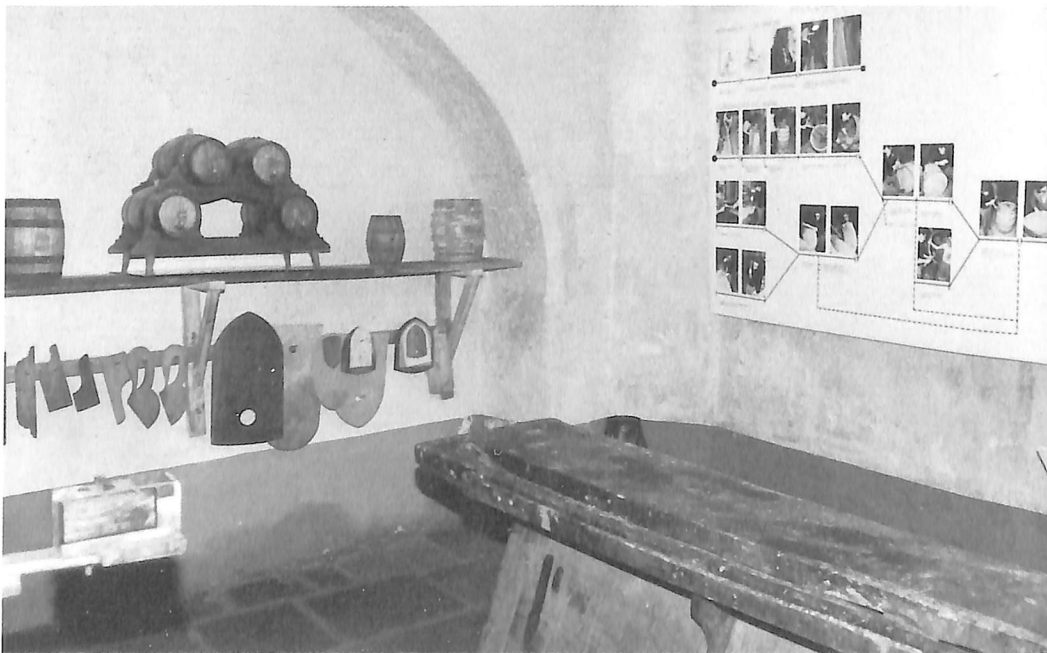


Foto 8 - Interior da oficina (compartimento norte), podendo ver-se a localização do painel explicativo.



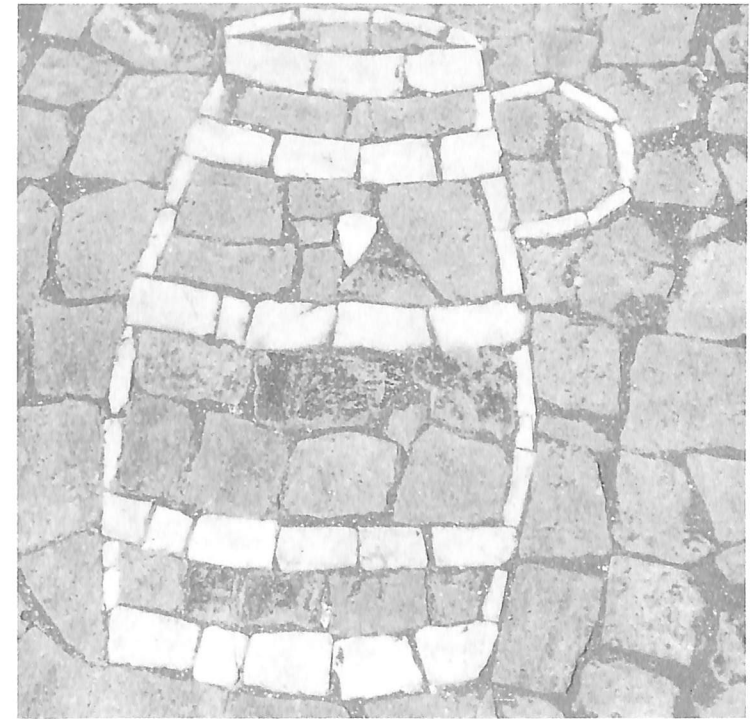
Foto 10 - O tanoeiro abre o rasgo (*javre*) onde assenta o *fundo* da vasilha, com auxílio da *javradeira*.



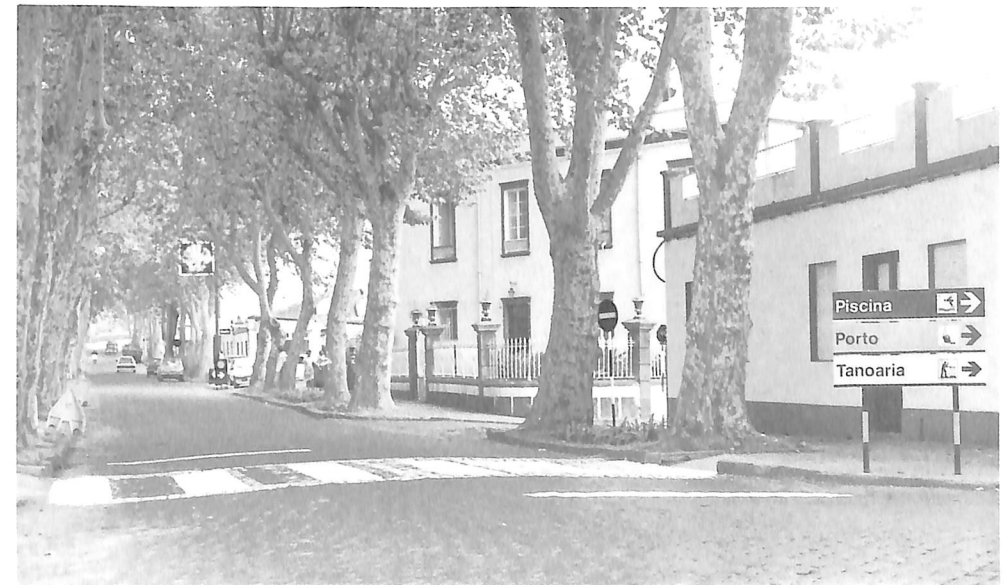
**Foto 11** - Pormenor da fachada principal (rés-do-chão) do edifício onde se localiza a tanoaria.  
A cancela da porta esquerda foi substituída, respeitando-se o modelo existente, que se encontrava degradado, e a da porta direita foi construída de novo.



**Foto 12** - Motivo emblemático da tanoaria, feito no passeio, frente à fachada principal.



**Foto 13** - Desenho de um pote de medir vinho, feito no passeio, frente à fachada principal.



**Foto 14** - Placa de sinalização urbana colocada na Av. Infante D. Henrique, principal via de circulação da vila.



Foto 15 - Perspectiva geral da exposição *A Arte da Tanoaria*. Lagoa, 1991.



Foto 17 - Apresentação da sequência dos trabalhos de *chanfrar, aparar e javrar* as aduelas da vasilha.

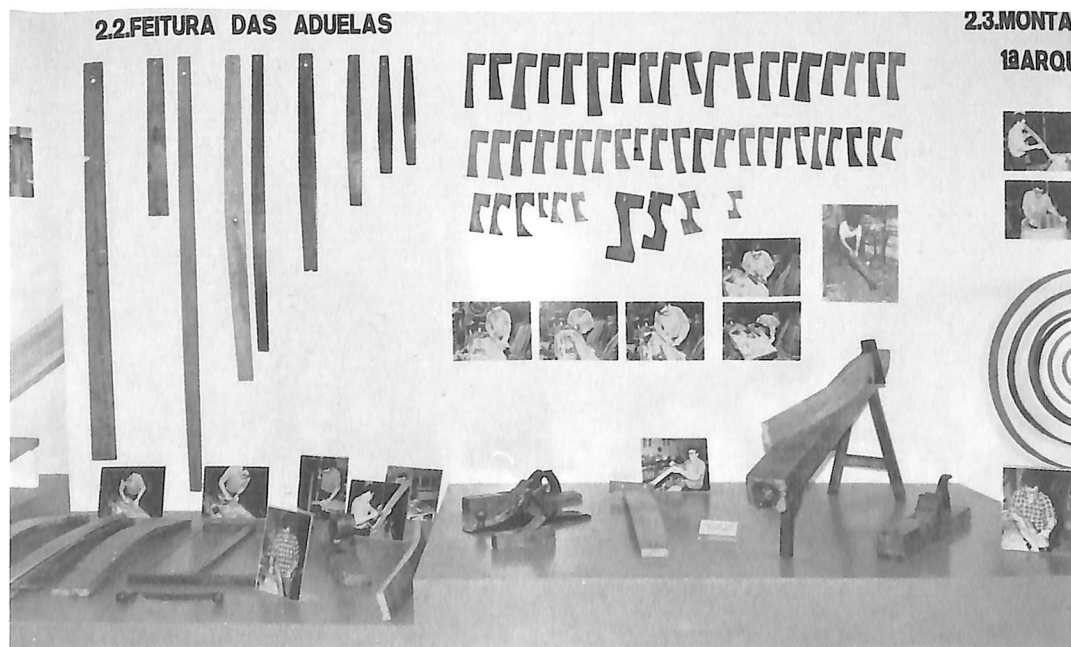


Foto 16 - Pormenor da exposição mostrando a encenação da *Feitura das Aduelas*.



Foto 18 - Pormenor sobre a construção e colocação dos *fundos* na vasilha, mostrando o *banco de tanoeiro*, onde são executados grande parte dos trabalhos.



Foto 19 - Perspectiva geral da exposição.



Foto 21 - Vasilhame utilizado na vitivinicultura.



Foto 20 - Apresentação das obras de tanoaria mostrando o vasilhame de transporte de água (balde e barril fusiforme) e recolha de leite (balde), e os objectos destinados à higiene doméstica (*selha de lavar roupa, selha de lavar pés e banheira*).

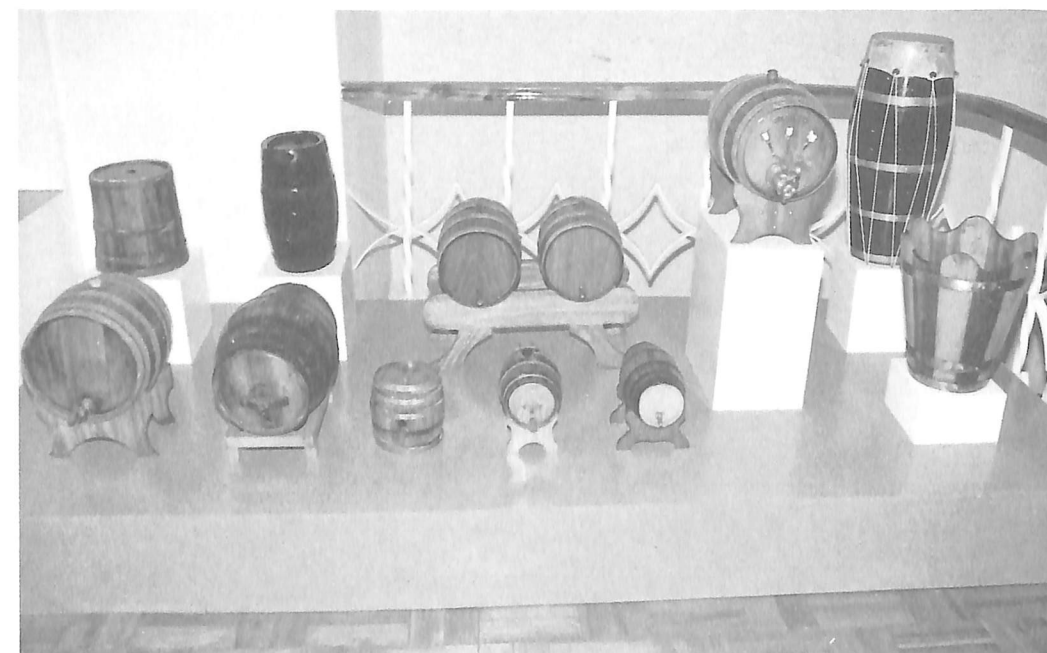


Foto 22 - Conjunto de artefactos variados feitos de aduelas e arcos.

# A ARTE da TANOARIA



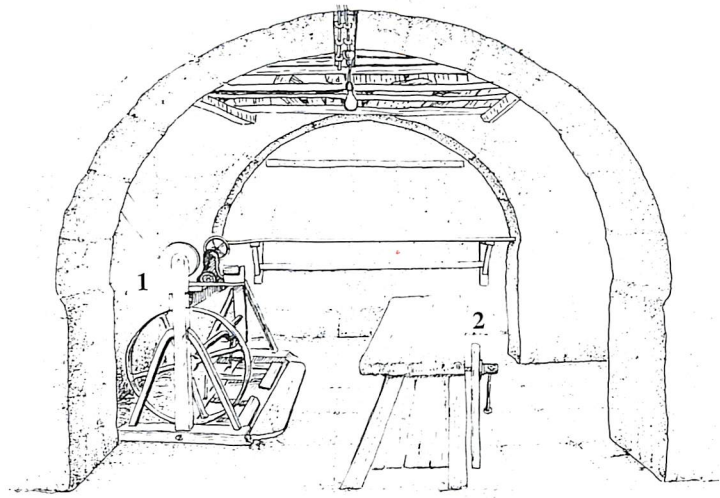
Le cerclage d'un tonneau. Gravure de Weigel 1698.

## Exposição

Junta de Freguesia do Rosário \* Abril-Setembro 1991

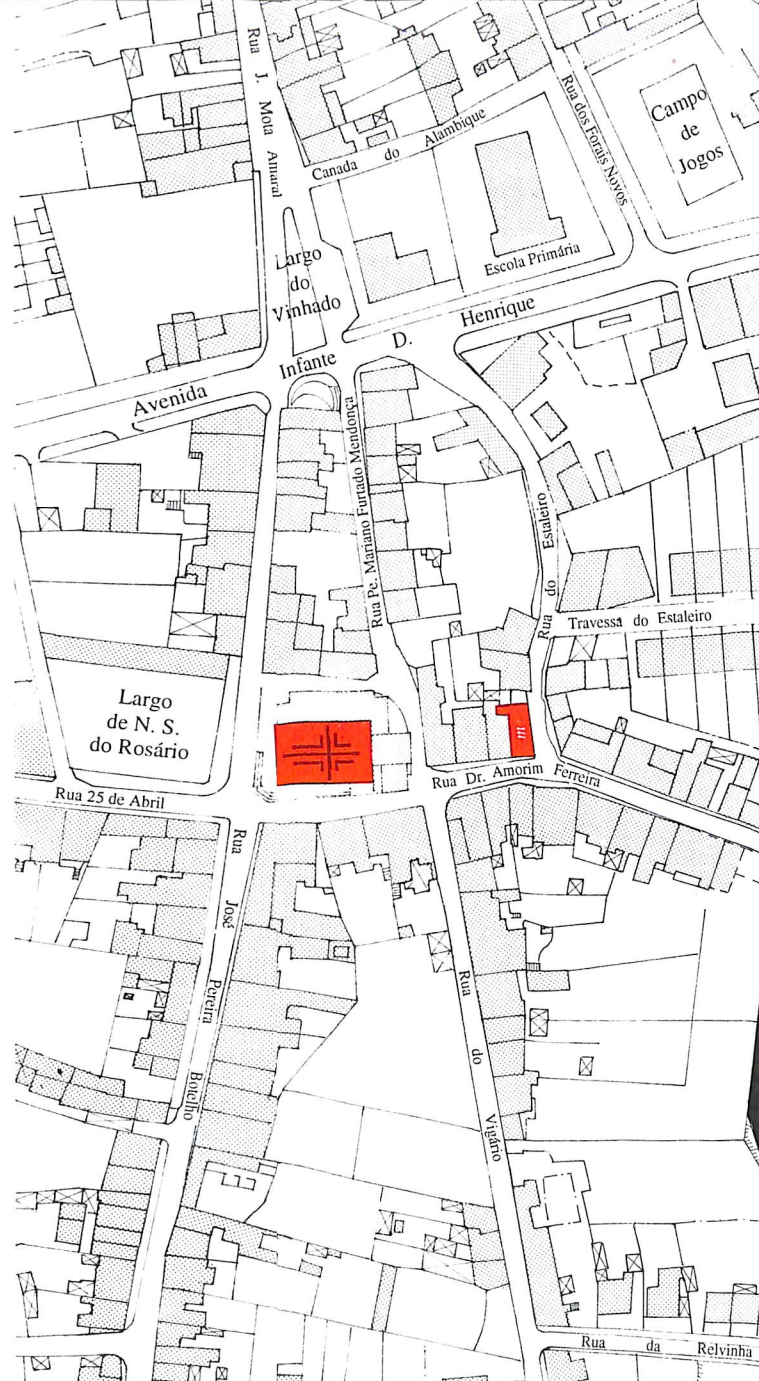
CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOA

São Miguel \* Açores





1 - Torno de marcha movido por pedal e por motor eléctrico

2 - Banco de tanoeiro



ESCALA: 1:2000

-  — Tanoaria Musealizada
-  — Igreja de N. S. Rosário



# TANOARIA

CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOA  
 JUNTA DE FREGUESIA DE N. S. DO ROSÁRIO

## A TANOARIA DO MESTRE JOÃO CARLOS DOS SANTOS

A oficina ocupa o rés-do-chão do edifício, do século XIX, situado no canto da Rua Dr. Amorim Ferreira com a Rua do Estaleiro.

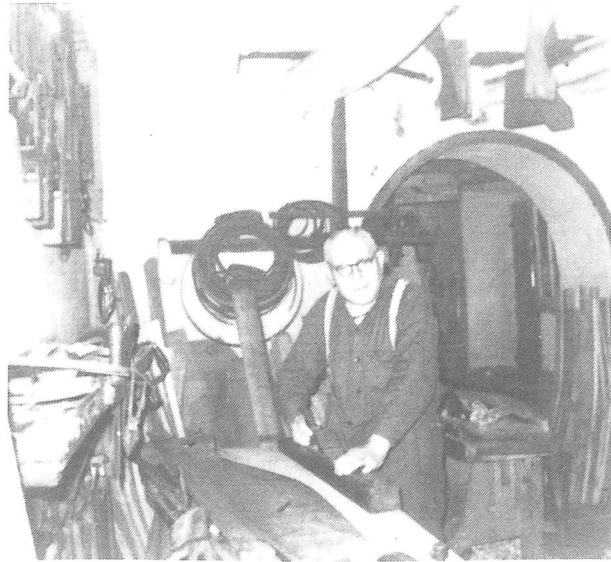
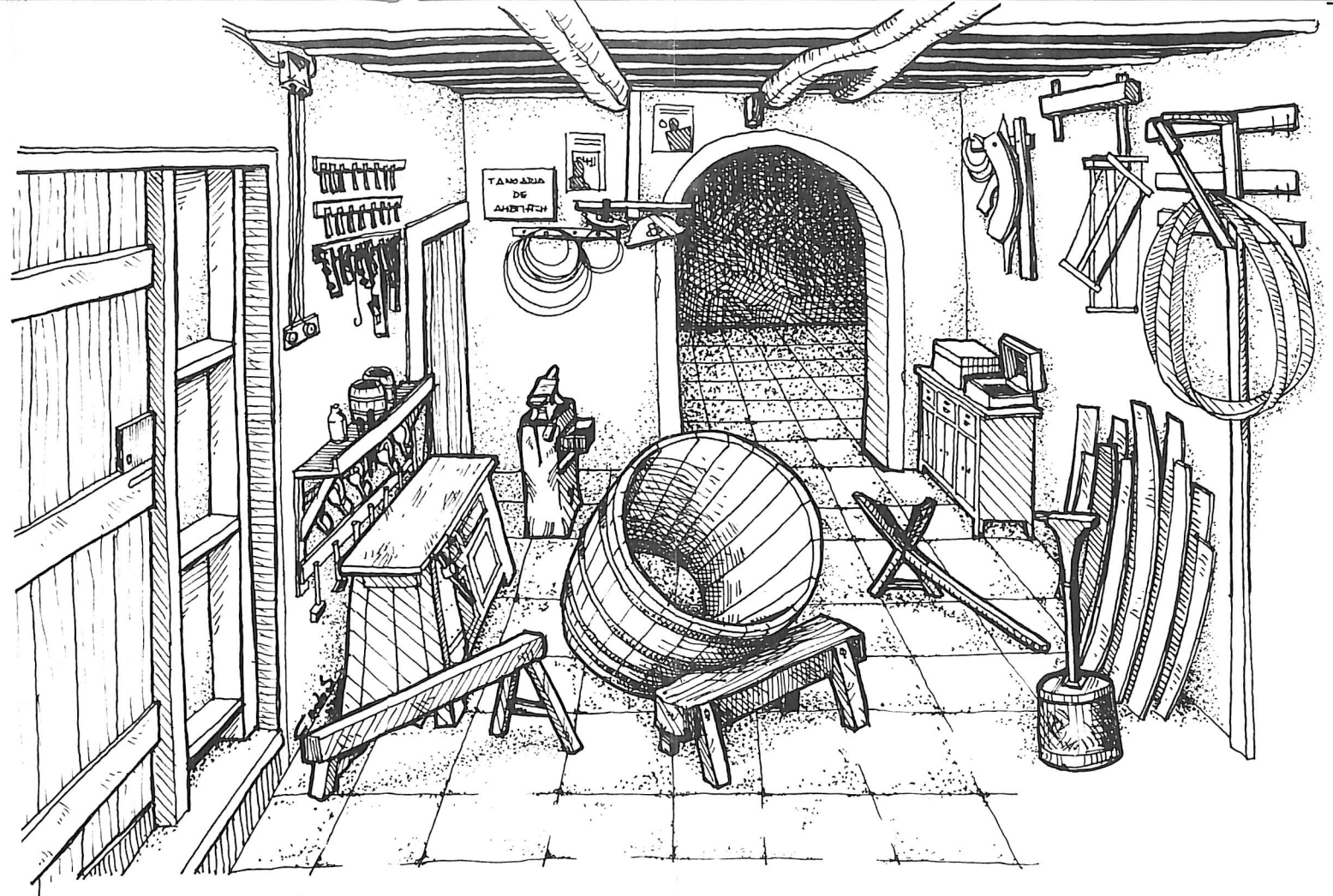
A tanoaria foi instalada no ano de 1941 pelo mestre António Joaquim Borges (1903 - 1973) que passou a viver com a família na parte superior do edifício.

Este mestre exerceu aqui a actividade, por conta própria, durante cerca de trinta anos, tendo ensinado a arte aos seus seis filhos. Apesar disso, nenhum deles continuou a actividade paterna, e, em Agosto de 1972, a oficina, assim como a respectiva utensilagem, passaram para a posse do mestre João Carlos dos Santos (1945 - ) que tinha sido aprendiz de António Borges.

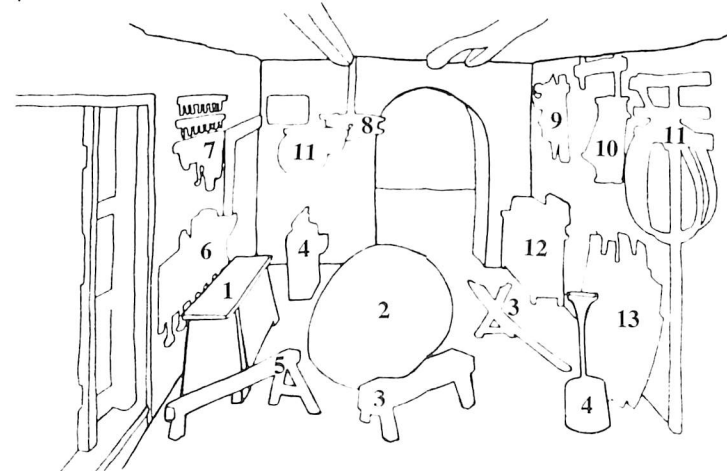
A oficina permaneceu activa durante mais treze anos, mas a partir de 1985 funcionou apenas de forma esporádica.

Esta oficina possui a mais completa colecção de utensilagem de tanoaria da Ilha, tendo sido um importante centro de produção de vasilhame de madeira feito de aduelas e arcos, ligado à vida doméstica, à pesca, à pastorícia, à construção civil e sobretudo aos trabalhos de vinho e à produção de aguardentes.

A oficina musealizada mantém-se em actividade como núcleo do Museu Municipal de Lagoa.



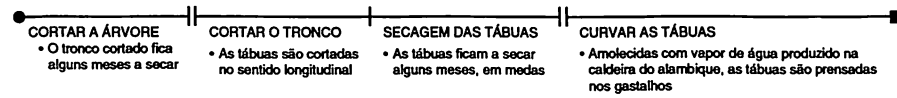
António Joaquim Borges, fundador da tanoaria



- 1 - Banco de tanoeiro
- 2 - Barril
- 3 - Baixete
- 4 - Bigorna
- 5 - Banco de juntas
- 6 - Enxós, malhos, chaços, puas, graminhos, compassos
- 7 - Sutas, bitolas, plainas, desbastadores, rebotes
- 8 - Javradeiras
- 9 - Bitolas e moldes
- 10 - Serras de voltas
- 11 - Arcos usados
- 12 - Armário
- 13 - Tábuas curvadas

# PROCESSO TÉCNICO DA FEITURA DE UM BARRIL

## PREPARAÇÃO DAS TÁBUAS



## CONSTRUÇÃO DO BARRIL

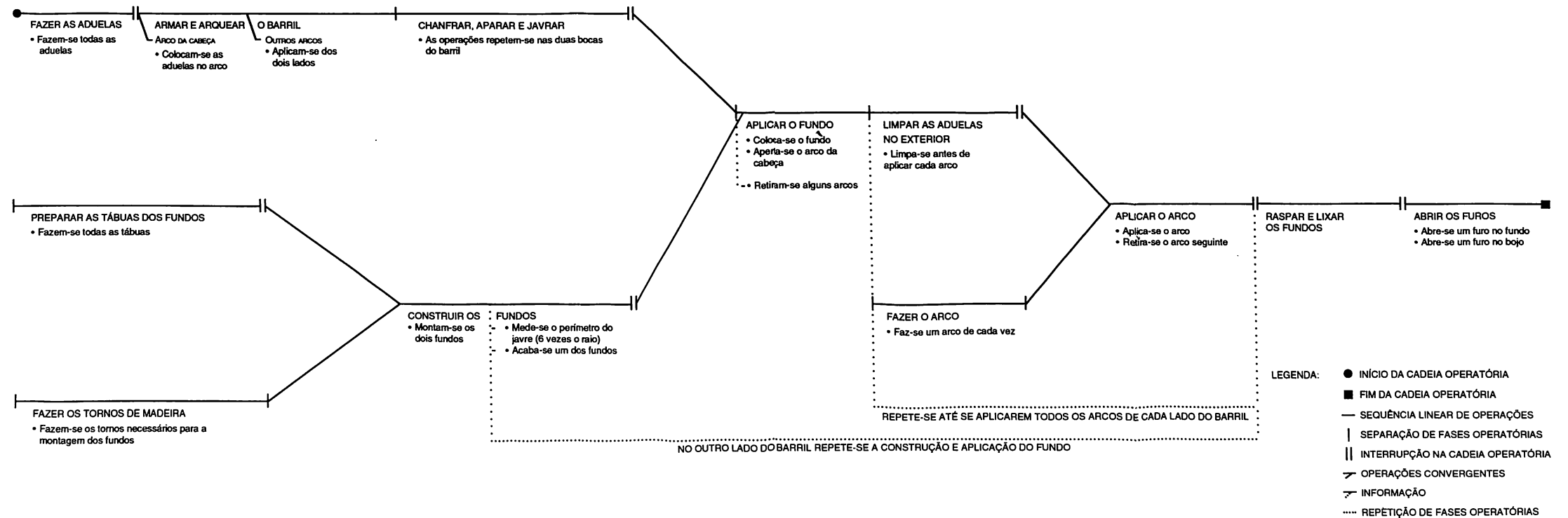


Fig. 3 - Fluxograma explicativo das fases do processo técnico da feitura de um barril.